



25 a 28
setembro
2024
Campus Central UEPG
Ponta Grossa | PR

Explorando as Interseções das Inteligências
Artificiais na Sociedade Atual



EMPREENDEDORISMO: CICLO DE VIDA E CAUSAS DE INSUCESSO ORGANIZACIONAL

ENTREPRENEURSHIP: LIFE CYCLE AND CAUSES OF ORGANIZATIONAL FAILURE

ÁREA TEMÁTICA: ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Claudélir Clein, UNISEP, Brasil, claudelir@unisep.edu.br

Gilson Mussi dos Reis, Brasil, gilsonmussi@gmail.com

Arlei de Moraes, Brasil, arlei_moraes@hotmail.com

Mariane Renata Pagnan Cendron, Brasil, mariane.pagnan@hotmail.com

Willian Carlos Silva Vial, Brasil, wilianvial@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo retratar o empreendedorismo, ciclo de vida e causas que influenciam no insucesso organizacional. Desta forma, como fonte de pesquisa se utilizou de materiais dos principais autores com conhecimento em relação aos assuntos abordados. Assim sendo, a pesquisa pode ser caracterizada como exploratória descritiva de abordagem qualitativa. Cabe destacar, que empreendimentos são criados com intuito de se obter desenvolvimento e lucratividade referente aos seus propósitos. Na busca por desempenho produtivo elevado, as empresas investem em tecnologias e profissionais diferenciados, mas nem sempre conseguem sucesso no mundo dos negócios, enfrentando dificuldades financeiras e em alguns casos a falência de seu empreendimento. Portanto, observou-se como resultados da pesquisa: o empreendedorismo requer atenção às oportunidades que o mercado oferece e identificação de atividades lucrativas; seu ciclo e vida inclui surgimento/continuidade, desenvolvimento, ampliação/maturidade; o conhecimento insuficiente para a administração como principal causa de insucesso organizacional.

Palavras-chave: empreendedorismo; ciclo de vida; insucesso; organização.

Abstract

This article aims to portray entrepreneurship, its life cycle and causes that influence organizational failure. In this way, as a research source, materials from the main authors with knowledge of the topics covered were used. Therefore, the research can be characterized as exploratory and descriptive with a qualitative approach. It is worth highlighting that enterprises are created with the aim of obtaining development and profitability related to their purposes. In the search for high productive performance, companies invest in differentiated technologies and professionals, but they do not always achieve success in the business world, facing financial difficulties and in some cases the bankruptcy of their enterprise. Therefore, the results of the research were observed: entrepreneurship requires attention to the opportunities that the market offers and identification of profitable

activities; its cycle and life includes emergence/continuity, development, expansion/maturity; insufficient knowledge for administration as the main cause of organizational failure.

Keywords: *entrepreneurship; life cycle; failure; organization.*

1. INTRODUÇÃO

Muito se fala em sucesso nos negócios empresariais, porém a realidade vivenciada não expressa êxito em todos os empreendimentos, ou seja, nem todos conseguem prosperar em seus ramos de atuação.

Diante desta realidade, a realização de estudos que visem compreender a dinâmica de mercado se torna de grande valia tanto para os negócios existentes como para os novos que venham a existir. Isso principalmente pelo fato de que muitas empresas amargam insucesso e grandes prejuízos, tornando-se necessário entendimento de fatores inerentes ao infortúnio ocorrido.

O tema falência organizacional encontra relevância pelo fato de muitas empresas não sobreviverem no mercado, isto é, grande parte dos empreendimentos sofre derrocada nos primeiros cinco anos de existência. Cabe frisar que no âmbito empresarial nem sempre é possível se antecipar aos eventos que ocorrem, assim como não se tem condições de mensurar fatores que fogem do controle e do planejamento previamente elaborado.

Portanto este artigo tem como objetivo retratar sobre o empreendedorismo, ciclo de vida e causas que influenciam no insucesso organizacional. A metodologia de pesquisa aplicada foi exploratória descritiva, onde os materiais para levantamento de informações foram sites, revistas, livros e artigos científicos com temas de natureza condizente com o estudo realizado.

Assim sendo, o estudo proposto além desta introdução está estruturado em quatro partes. Na seção dois se trata do empreendedorismo e falência organizacional. Na sequência, seção três, trabalha-se o ciclo de vida organizacional. Posteriormente, na seção quatro, se refere às causas de insucesso organizacional. Por fim, apresenta-se a conclusão com os principais achados do presente artigo.

2. EMPREENDEDORISMO E FALÊNCIA ORGANIZACIONAL

Para empreender é necessário estar atento às oportunidades que o mercado oferece. Essa atenção proporciona aos indivíduos identificarem atividades lucrativas antes que outras pessoas a façam. A partir da inquietude em perceber oportunidades, as organizações são criadas e ampliadas (KIRZNER, 1979). As organizações necessitam, todavia, de acompanhamento para permanecerem ativas.

Estar preparado para as oportunidades apresentadas pelo mercado é determinante para quem deseja empreender, proporcionando identificação antecipada de atividades lucrativas por parte de algumas pessoas em relação às outras. Dessa forma, a criação e a ampliação das organizações se dão pela inquietação dos empreendedores em estar atentos às oportunidades que aparecem (KIRZNER, 1979).

No contexto de mercado, de acordo com a Teoria da Dependência de Recursos, as organizações e suas decisões internas são influenciadas pelo ambiente que as cercam (ALDRICH; PFEFFER, 1976). Esta teoria, conforme Rossetto e Rossetto (2005), retrata que os gestores obtêm recursos necessários para o sucesso na operacionalização de suas atividades, observando que mudanças tendem a existir no âmbito das organizações, as quais surgem do ambiente externo relativamente às suas ambições e podem influenciar na disponibilização de recursos.

Para garantir o sucesso nos negócios de uma organização independentemente do seu tempo de mercado, torna-se necessário desenvolver uma cultura empreendedora. Segundo Timmons e

Spinelli (1994), o empreendedorismo simboliza um marco revolucionário do século XXI, tendo proporção correspondente à revolução industrial do século XX.

Porém, convém frisar que foi Schumpeter (1984) um dos primeiros autores que definiram o empreendedor como aquele que promove a inovação através da colocação de novos produtos e serviços em circulação para comercialização, proporcionando recursos inéditos ou identificando oportunidades que gerem crescimento e progresso econômico.

Para Schumpeter (1956, p. 23):

Los cambios industriales ocurren debido al efecto de los factores externos, a elementos de desarrollo no-cíclicos y las innovaciones. Si existe el ciclo económico puro, este solo puede originarse por la forma en que las cosas nuevas se introducen en el proceso económico y este las absorbe bajo el marco institucional de la sociedad capitalista. En realidad, el ciclo económico parece ser la forma estadística e histórica que origina la que generalmente se llama “progreso económico”.

De acordo com Tupanangyr (1996), independentemente da particularidade individual dos empreendedores, alguns atributos são imprescindíveis para que seja atingido o sucesso: autoconfiança; comando de decisão; dinamismo para alcançar objetivos; conhecimento crítico; e direcionamento para o capital humano. Nesse sentido, é por meio do perfil empreendedor que os princípios, a imagem e a conduta social da organização são caracterizados.

Também é necessária a confiança do colaborador/empregado na organização, como fator influenciador para a conquista dos intentos das empresas, o que exige uma atenção especial por parte dessas, visando sua sobrevivência e competitividade em um mercado cada vez mais globalizado. Logo, “é essencial que as organizações invistam no capital humano, assim, terão uma equipe comprometida e preocupada com as metas desejadas” (VEDANA; MELLO, 2016, p. 12).

Para Aldrich e Pfeffer (1976), o ambiente é influente sobre as organizações e sobre as decisões que são tomadas dentro delas (Teoria da Dependência de Recursos). Já Rossetto e Rossetto (2005) referem-se a esta teoria a partir do direcionamento da gestão para angariar os recursos necessários para o êxito de seu funcionamento, tendo em vista que possam existir mudanças no ambiente organizacional derivadas da relação entre as características externas à empresa e aos seus interesses, influenciando na disponibilidade dos recursos.

Outro aspecto relevante é relativo à estrutura de capital das empresas. Essa estrutura está vinculada às decisões tomadas pelos gestores (KAVESKI et al., 2015). Locatelli, Nasser e Mesquita (2015) se referem a essa estrutura como sendo a maneira como está financiada a empresa, ou seja, constituída de capital próprio e/ou de capital de terceiros, assim como em qual proporção de cada capital. Para Durand (1952), existe uma estrutura ótima de capital, que é quando o custo do capital de terceiros é estável. A partir dessa característica, uma estrutura diferente a essa pode proporcionar, para a organização, um maior risco de falência.

Assim, Gitman (2010) evidencia que, no contexto das organizações, os elementos econômicos e financeiros podem ocasionar maiores riscos para o encerramento do ciclo de vida da empresa, caso as decisões tomadas aumentem as ameaças de não cumprimento das obrigações assumidas com terceiros.

O insucesso empresarial é visto como algo pejorativo na economia e sociedade, não sendo comentado, relatado e também estudado com a devida propriedade. Portanto, conhecer as razões de um empreendimento fracassado, certamente contribuirá para que as empresas estejam preparadas para manterem seu estágio do ciclo de vida cujo equilíbrio e a constância econômica sejam suas características, e não o fracasso.

Na literatura, com frequência, atribui-se o sucesso ou insucesso das organizações aos modos comportamentais e às peculiaridades intrínsecas dos empreendedores que as conduzem. Essas peculiaridades, juntamente com as experiências e traços pessoais, exercem influência em

relação à tomada de decisão organizacional, podendo ocasionar tanto o triunfo como o insucesso do negócio (PAULINO; ROSSI, 2003).

Revisitando referências clássicas e atuais na temática de quebra de empresas, Altman (1968) considera que as organizações que utilizam as informações contábeis no cotidiano conseguem prever melhor suas situações de risco. O uso de instrumentos contábeis para análise do balanço patrimonial possibilita evidenciar que uma empresa pode vir a falir em pouco tempo. Oliveira e Souza (2013) apontam que a contabilidade é uma maneira de representar a realidade de uma organização. Dessa forma, a tomada de decisão dos gestores deve se pautar em apropriado sistema de controle, para que as informações sejam mais assertivas e possam auxiliar na permanência da “saúde” financeira do empreendimento.

Outra variável considerada em pesquisas que abordam o tema da falência das organizações é a governança corporativa e sua relação com antecipações de possíveis falências ou recuperação de empresas (DAILY; DALTON, 1994; UZUN; SZEWCZYK; VARMA, 2004; CHAN et al., 2016). Ao utilizar a governança corporativa, uma empresa determina formas de controle da organização (SHAILER, 2004). Para Liang et al. (2016), os indicadores de governança podem ser utilizados em modelos que auxiliam os gestores na prevenção da falência. Os resultados apresentados ao comparar o uso desses indicadores, em conjunto com indicadores financeiros, são melhores do que quando utilizados apenas os indicadores financeiros.

Além disso, Nascimento et al. (2013) mostram que aspectos intangíveis podem estar atrelados ao fechamento de uma empresa. A falta de conhecimento tácito e explícito dos colaboradores, principalmente o desconhecimento relativo aos gestores, pode aumentar os riscos da empresa com relação a falência. Esses elementos, bem conhecidos, podem dar subsídio para a tomada de melhores decisões, tanto para ações de curto como de longo prazo, identificando os recursos e os investimentos necessários para que essas decisões sejam executadas com êxito. Na verdade, esses conhecimentos se estiverem reduzidos dentro das organizações podem resultar em decisões equivocadas ou em não planejamento da execução com a maioria dos requisitos exigidos, dificultando o cumprimento das obrigações e tornando-as mais propensas a falência.

Santos e Souza (2015) evidenciam que encerrar uma organização pode estar vinculado aos insucessos gerados por diferentes fatores e questões socioeconômicas. A Lei da Falência e da Recuperação aborda princípios anteriormente não observados na Lei antecedente a ela:

Princípios como o da preservação da empresa, proteção dos trabalhadores, celeridade e eficiência processual, participação ativa dos credores e função social da empresa foram incorporados, realizando-se uma adequação dos institutos objeto de estudo do direito falimentar às disposições, direitos e garantias previstos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88), especialmente aqueles princípios delineadores da ordem econômica (SANTOS; SOUZA, 2015, p. 89).

A abordagem desses princípios auxilia na redução de aspectos negativos presentes no processo de falência da organização. Dessa maneira, considera-se que a Lei em questão constituiu um avanço jurídico do País, proporcionando que os aspectos sociais presentes nas organizações possam ser preservados em momentos de crise (SANTOS; SOUZA, 2015).

Relativo às características dos empreendedores, Lezana e Lanza (1996) ressaltam um modelo relacionando-as com as etapas do ciclo de vida das organizações (Quadro 6). Nota-se, conforme ocorre o avanço de uma empresa, que as características empreendedoras necessitam de modificação, com adequação de habilidades, necessidades e bagagem de conhecimento.

3. CICLO DE VIDA DAS ORGANIZAÇÕES

No contexto da organização, Dumais, Ellison e Glaeser (2002) se referem ao ciclo de vida da empresa a partir dos seguintes elementos: abertura ou expansão de empresas no setor (criação de empregos); atuação da empresa em outras atividades (ampliação do setor da empresa);

fusão, aquisição ou fechamento de empresas (neste último caso significando extinção de empregos). É preciso considerar que o ciclo de vida da empresa está atrelado à tecnologia. Conforme Waak (2000, p. 328), “uma tecnologia, como um produto, tem sua vida definida por três fases: a de desenvolvimento, a de ajustes, crescimento e ampla exploração e uma outra de maturidade e superação por uma tecnologia nova, com melhor *performance*”.

O ciclo de vida das organizações apresenta as gradações surgimento/continuidade, desenvolvimento e ampliação/maturidade, na qual a última fase consiste na alteração do comportamento e estilo organizacional, no planejamento estratégico efetivo e no espírito empreendedor e de sustentabilidade, como características evolutivas principais e importantes para criar novas oportunidades empreendedoras.

Características do empreendedor	Ciclo de vida das organizações		
	Surgimento/Continuidade	Desenvolvimento	Ampliação/Maturidade
Habilidades	Fazer diferentes atividades concomitantemente; vender; trabalhar arduamente; conhecimento técnico; obter recursos; negociar; solucionar problemas.	Focar nos objetivos; ser flexível frente às necessidades da empresa; criar sistemas de controle; definir regras e princípios; promover a integração; granjear informações; ponderar oportunidades; pensar de forma crítica.	Alterar o comportamento e o estilo organizacional; concentrar-se; transferir poderes; ter visão; exercer liderança; realizar sistemas orçamentários; definir diretrizes; comunicação convincente.
Experiências	Antecipar (prévia) aspectos de produtos e do seu processamento; estratégia para constituição de preço.	Planejar questões financeiras e de vendas; elaborar mecanismos de promoção e propaganda; estabelecer os tipos de produtos.	Realizar planejamento estratégico; administrar o capital humano.
Necessidades	Usar da criatividade; ter comprometimento com o negócio; princípios a serem seguidos; buscar autonomia; ser entusiasmado e motivado; seguir um padrão; agir apesar do risco.	Trabalhar com energia; atuar com obstinação e espírito competitivo; considerar fatores de bem-estar; perceber prosperidade; conquistar aprovação; ter ambição; ser perseverante.	Possuir espírito empreendedor; apresentar reação ao meio ambiente; proporcionar o desenvolvimento humano; criar novas oportunidades empreendedoras.

Quadro 1 – Ciclo de vida da organização e características do empreendedor

Fonte: Adaptado de Lezana e Lanza (1996).

Nesse contexto, embora sejam expostas três fases, no que diz respeito à ampliação e maturidade, nem todas as organizações chegam nesse estágio. Isso porque muitas empresas não conseguem superar as adversidades, acabando por fracassar e ir a falência, fato não comentado ou relatado por ser julgado pela sociedade como algo depreciativo. Afora isto, a falta de referencial teórico condizente com o tema falência é causada pela confusão que a sociedade muitas vezes faz entre o insucesso de um negócio com o malogro do próprio empreendedor (GULST; MARITZ, 2010).

Ressalta-se a etapa final do ciclo de vida, mais especificadamente o seu fechamento. Os principais fatores para o insucesso das empresas estão relacionados aos seguintes aspectos (podendo ser um fator ou mesmo a combinação desses): falta de dinheiro; fluxo de caixa precário; indisponibilidade de empréstimos empresariais; ausência de garantias pessoais para empréstimos empresariais; indisponibilidade de capital próprio para o negócio; vendas inadequadas; alto custo dos empréstimos alternativos; despesas operacionais elevadas; insuficiência de conhecimento administrativo; gestão e planejamento inadequados; relações comerciais precárias; forte ambiente competitivo; crescimento e expansão empresarial prematura; não adaptação ao ciclo de vida de uma tecnologia etc. (PEREIRA, 1995; WAAK, 2000; GULST; MARITZ, 2010; GOEBEL et al., 2020).

Todavia, é necessário tomar uma decisão entre permanecer com o ciclo de vida da empresa ou encerrá-lo. “A falência será a melhor solução se seus custos – sociais e econômicos – forem menores *vis-à-vis* os despendidos para recuperar a empresa” (MELLO; FICHMANN, 2013, p. 2152). No Brasil, Campos e Bainha (2014) ressaltam a importância da Lei da Falência e da Recuperação – Lei Federal nº 11.101/2005. Esta Lei considera que, em momentos de crise,

seja estimulada a reestruturação da organização que está em dificuldade, reduzindo o número de empresas que possuem risco de falir.

Quanto ao fracasso empresarial são muitos os fatores desencadeadores dessa condição, todavia, alguns aspectos estão relacionados, por exemplo, com a: limitada experiência no ramo em que se atua; reduzida margem de lucro; carga tributária elevada; mão de obra pouco qualificada; crédito e financiamentos insuficientes (CHER, 1991). Em contrapartida, para Pereira e Santos (1995), dois são os aspectos de maior influência no fracasso das organizações, inexperiência e incompetência para a gestão empresarial.

No entanto, existem outras causas relacionadas com a falência dos empreendimentos, estando atreladas com a falta de conhecimento quanto ao: mercado; concorrência; produtos; serviços; além dos diferentes tipos de clientes. Essa fragilidade interfere negativamente na questão das empresas se posicionarem diante do mercado e, assim, faz com que enfrentem inconvenientes que podem levar, em certos casos, as empresas ao fracasso. Nessa acepção, Hisrich, Peters e Shepherd (2009, p. 481), esclarecem que conhecimento de mercado pode ser entendido como “estar de posse de informações, tecnologia, *know-how* e competência para analisar um mercado e seus clientes”. Contudo, quando se deparam em condições de insucesso, os empreendedores geralmente responsabilizam fatores externos, entre eles: o governo; a situação econômica vivenciada; os concorrentes desleais; as altas taxas de juros dos bancos; a tributação elevada; e o limitado número de clientes (PEREIRA, 1995).

O insucesso empresarial pode surgir por meio de diferentes conjunturas. Primeiro, o fracasso tende a ser atribuído aos líderes, ou seja, concerne ao topo da organização. Nessas circunstâncias compreende-se que faltou vislumbrar o futuro, realizar planejamento e gestão organizacional. Segundo, atribui-se a falência ao pouco conhecimento que se tem do mercado e das demandas dos clientes, trazendo desvantagens para segmentação e colocação de produtos e serviços para comercialização. Terceiro, a ruína vem da carente gestão financeira, não se tendo competência para fazer o controle dos gastos e capital de giro, assim como deixar de utilizar mecanismos eficazes para a constituição de orçamentos. Por fim, mas com semelhante importância, o fracasso corresponde a não consecução dos resultados almejados, sendo uma falha estrutural e de métodos adotados, fragilizando a capacidade de otimizar suas técnicas e práticas operacionais (LONGENECKER; SIMONETTI; SHARKEY, 1999).

Segundo Dumais, Ellison e Glaeser (2002), as empresas passam por um ciclo de vida com base nos seguintes aspectos: geração de empregos por meio da abertura de empresas do setor e ampliação de suas atividades; substituição do ramo da empresa, atuando em outros negócios; e término de ocupações de trabalho por meio da compra, união ou fechamento de empresas.

4. CAUSAS DE INSUCESSO ORGANIZACIONAL

Dentre esses aspectos do ciclo de vida organizacional, salienta-se o fechamento com maior destaque. Roggia, Colombo e Terra (2015), tendo como fundamento estudos de abrangência internacional, apresentam uma compilação das principais causas para o fracasso das empresas (Quadro 2):

Causas	1	2	3	4	5	6	7	8
Escassez de recursos financeiros	X		X		X			
Fluxo de caixa insuficiente	X							
Empréstimos empresariais disponíveis	X				X			
Exigência de garantias pessoais para aquisição de empréstimos	X							
Contar com capital próprio para a atividade empresarial	X							
Vendas inapropriadas	X							

Empréstimos com altas taxas de juros	X							
Volumosas despesas operacionais	X							
Conhecimento insuficiente para a administração		X		X		X	X	X
Gestão e planejamento								X
Relações comerciais								X
Contexto competitivo								X
Crescimento prematuro e ampliação empresarial								X
Legenda: 1. Carter e Van Auken (2006); 2. Tornhil e Amit (2003); 3. Baptista (2003); 4. Hayward (2001); 5. Pullig e Chawla (1998); 6. Birley e Nikitary (1996); 7. Sheldon (1994); 8. Gaskil, Van Auken e Mannig (1993)								

Quadro 2 – Causas que influenciam no insucesso organizacional
Fonte: Adaptado de Roggia, Colombo e Terra (2015).

Conhecendo as causas de insucesso das organizações, contar com dados para a tomada de decisões torna-se um diferencial. Assim sendo, Altman (1968) considera que as empresas que fazem uso das informações contábeis na rotina diária conseguem prever possíveis riscos. Nesse caso, a utilização de ferramentas contábeis proporciona analisar o balanço patrimonial, permitindo saber se em pouco tempo a empresa poderá falir.

A contabilidade é um caminho para uma empresa conhecer a sua realidade, munindo os gestores com dados para a tomada de decisões que possa viabilizar ao empreendimento saúde financeira mais permanente (OLIVEIRA; SOUZA, 2013). Também é preciso considerar a disposição financeira no cenário em que atua, considerando que faz parte da tomada de decisões dos gestores (KAVESKI et al., 2015). Essa disposição financeira demonstra as fontes de capital que a empresa utiliza, isto é, a proporção de capital próprio ou de terceiros, ou ainda, se é constituída por um só desses capitais (LOCATELLI; NASSER; MESQUITA, 2015).

Segundo Durand (1952), uma estrutura de capital tida como ótima pode ser caracterizada quando o capital de terceiros se mantém estável. Diante disso, trabalhar com uma estrutura que não pondera essa premissa aumenta o risco de falência de uma empresa. Para Gitman (2010), ao encerrar o ciclo de vida de suas atividades, uma organização, no tocante aos seus compromissos econômicos e financeiros, pode vir a não cumprir seus compromissos com terceiros.

Mas não é somente o fator econômico e financeiro que tem relevância significativa atinente ao fracasso organizacional. Outro fator que as pesquisas demonstram ser impactante para isso é a governança corporativa, bem como sua conexão com meios de antecipar possibilidades de recuperação de empresas ou de suas falências (DAILY; DALTON, 1994; UZUN; SZEWCZYK; VARMA, 2004; CHAN et al., 2016).

Conforme Shailer (2004), a governança corporativa propicia para a organização estabelecer formas de controlar suas ações de gestão. Já para Liang et al. (2016), na prevenção da falência a governança corporativa ampara os gestores com indicadores que são empregados em modelos para esse fim profilático. No confronto dos resultados gerados pela utilização de tais indicadores juntamente com os de origem financeira, expressa de forma mais clara a realidade da empresa do que quando se utiliza unicamente indicadores financeiros.

Todavia, o fechamento de uma organização pode ser causado por elementos intangíveis, como o conhecimento tácito e explícito dos colaboradores ser limitado ou inexistente, sobretudo o desconhecimento por parte dos gestores dos riscos que pode resultar no insucesso do negócio. O suporte para tomada de decisões para ações de curto ou longo prazo é proporcionado pelo conhecimento aprofundado desses elementos, contribuindo para identificar a necessidade de investimentos para o êxito das decisões na execução dessas ações. No entanto, conhecer somente as organizações internamente resulta em decidir equivocadamente ou planejar sem

cogitar pontos necessários, o que debilita o cumprimento de obrigações e aumenta a propensão do fracasso empresarial (NASCIMENTO et al., 2013).

Na gestão de uma empresa se faz relevante frisar que a escolha pela continuação com o ciclo de vida ou mesmo de encerrá-lo, deve ser pautada na avaliação dos custos sociais e econômicos, quer dizer, decidir pelo encerramento se torna mais vantajoso quando esses custos são inferiores aos custos de buscar pela recuperação do negócio (MELLO; FICHMANN, 2013). Contudo, Frezatti et al. (2010, p. 384 e 387) ressaltam que:

Os estudos sobre o ciclo de vida organizacional permitem entender traços de perfil e constituem análise qualitativa não necessariamente relacionada com o desempenho financeiro. Esse último depende de enorme gama de variáveis que fogem ao controle do paradigma utilizado. [...] Nessa evolução, a configuração do ciclo de vida das empresas passou a ser percebida como um fator importante na análise do desenvolvimento do controle gerencial, no qual o processo de planejamento estruturado surge com destaque, manifestado de diversas maneiras a partir de formas de estratégia, características estruturais, liderança e processo decisório.

Em relação aos casos de insucesso de empresas no Brasil, a Lei da Falência e da Recuperação – Lei Federal nº 11.101/2005, tem grande importância porque incentiva os empreendimentos em crise a buscarem reestruturação, diminuindo a quantidade de firmas com o risco de falência (CAMPOS; BAINHA, 2014). Essa Lei apresenta novos princípios oportunos às instituições em crise.

Os avanços da Lei comentada contribuem para reduzir problemas das instituições que estão em condições precárias, isso porque preservam seus aspectos de cunho social. Não obstante, ressalta-se que o encerramento de um negócio é causado por questões socioeconômicas e por outros diferentes aspectos (SANTOS; SOUZA, 2015).

CONCLUSÃO

Em relação ao tema falência organizacional este artigo teve como objetivo retratar sobre o empreendedorismo, ciclo de vida e causas que influenciam no insucesso organizacional, o qual se deu por atingido pelo fato de ser possível coletar informações e apresentar criticamente os temas propostos.

Conforme estudado, a falência de uma organização é resultado de diferentes variáveis, às quais podem estar associadas com uma gestão fragilizada, situações e condições do mercado, concorrência acirrada, influência do ambiente no qual atuam, falta de planejamento e de recursos entre outros. Desta forma, quando se abre um empreendimento são necessárias algumas ponderações sobre a prática empresarial do segmento escolhido, analisando com cautela os aspectos inerentes ao tipo de negócio.

Evidenciou-se que no empreendedorismo, além da necessidade de atenção para aproveitar as oportunidades é preciso acompanhamento da gestão para que seja possível a permanência no mercado. Destaca-se, que nas organizações o ambiente interfere como influente sobre as decisões que são tomadas no contexto em que estão inseridas e dentro das mesmas.

Outro ponto de destaque diz respeito ao direcionamento da gestão com o intuito de obter recursos para o efeito positivo do funcionamento organizacional. A busca por recursos está relacionada com as mudanças que ocorrem no ambiente organizacional, ocasionadas na relação de interesses da organização com o seu contexto externo.

No tocante ao ciclo de vida organizacional, o mesmo se dá pelo surgimento/continuidade, desenvolvimento, ampliação/maturidade, o qual deve ser trabalhado com direcionamento para o desenvolvimento produtivo, visando superar os desafios de cada uma de suas fases. Nisso, quanto mais preparado se está para administrar recursos e melhor aproveitar as oportunidades que surgem no decorrer do dia a dia de trabalho, maior será o retorno de resultados sobre objetivos e metas estabelecidos.

Cabe frisar, que o insucesso organizacional pode ocorrer por diferentes situações em realidades distintas. Desta forma, conclui-se que os empreendimentos necessitam de uma gestão eficaz e eficiente para que possam apresentar soluções, potencializar os ganhos e reduzir as perdas quando estas se mostram inevitáveis.

REFERÊNCIAS

- Aldrich, H. E.; Pfeffer, J. **Organizations and environments**. Ithaca: New York State School of Industrial and Labor Relations, 1976.
- Altman, E. I. Financial ratios, discriminant analysis and the prediction of corporate bankruptcy. **Journal of Finance**, v. 23, n. 4, p. 589-609, set. 1968.
- Campos, J. G.; Bainha, A. Lei Federal nº 11.101/2005 – Lei de falência e recuperação de empresas e os efeitos sobre a sociedade em geral, inclusive para os empresários. **Revista Borges**, v. 5, n. 2, p. 39-54, 2014.
- Chan, C. Y.; Chou, D.; Lin, J.; Liu, F. The role of corporate governance in forecasting bankruptcy: pre-and post-SOX enactment. **The North American Journal of Economics and Finance**, v. 35, p. 166-188, 2016.
- Cher, R. **A gerência das pequenas e médias empresas: o que saber para administrá-las**. São Paulo: Maltese, 1991.
- Daily, C. M.; Dalton, D. R. Bankruptcy and corporate governance: the impact of board composition and structure. **Academy of Management Journal**, v. 37, p. 1603-1607, 1994.
- Dumais, G.; Ellison, G.; Glaeser, E. L. Geographic concentration as a dynamic process. **The Review of Economics and Statistics**, v. 84, p. 193-204, 2002.
- Durand, D. Costs of debt and equity funds for business: trends and problems of measurement. In: UNIVERSITITES-NATIONAL BUREAU (Orgs.). **Conference on research in business finance**, 1952, p. 215-262. Disponível em: <http://www.nber.org/chapters/c4790.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- Frezatti, F.; Relvas, T. R. S.; Nascimento, A. R. do; Junqueira, E. R.; Bido, D. de S. Perfil de planejamento e ciclo de vida organizacional nas empresas brasileiras. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 383-399, out./nov./dez. 2010.
- Gitman, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- Goebel, M. A.; Cavalcante, D. L.; Clein, C.; Shikida, P. F. A. Moreno, J. Judicial recovery and bankruptcy of sugarcane agroindustries in the State of Paraná. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 16, n. 2, p. 25-35, maio/ago. 2020.
- Gulst, N.; Maritz, A. The paradoxical nature of venture failure. **Journal of Asia Entrepreneurship and Sustainability**, v. 1, p. 90-124, dez. 2010.
- Hisrich, R. D.; Peters, M. P.; Shepherd, D. A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- Kaveski, I. D. S.; Hall, R. J.; Degenhart, L.; Vogt, M.; Hein, N. Determinantes da estrutura de capital das empresas brasileiras de capital aberto do agronegócio: um estudo à luz das teorias Trade Off e Pecking Order. **Economia & Gestão**, v. 15, n. 41, p. 135-158, 2015.
- Kirzner, I. M. **Perception, opportunity, and profit: studies in the theory of entrepreneurship**. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- Lezana, A. G. R.; Lanza, N. S. A. A personalidade do empreendedor e seus efeitos no ciclo de vida das empresas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2., 1996, Piracicaba, **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Abrepro, 1996.

- Liang, D.; Lu, C.; Tsai, C.; Shih, G. Financial ratios and corporate governance indicators in bankruptcy prediction: a comprehensive study. **European Journal of Operational Research**, v. 252, p. 561-572, 2016.
- Locatelli, R. L.; Nasser, J.; Mesquita, J. M. C. Fatores determinantes da estrutura de capital no agronegócio: o caso das empresas brasileiras. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 1, p. 72-86, 2015.
- Longenecker, C. O.; Simonetti, J. L.; Sharkey, T. W. Why organizations fail: the view from the front-line. **Management Decision**, Toledo (USA), v. 37, n. 6, p. 503-513, 1999.
- Mello, A. M. D.; Fichmann, C. Empresas em estado de crise: aspectos relevantes à luz do direito econômico. **Revista Eletrônica Direito e Política**, v. 8, n. 3, p. 2149-2165, 2013.
- Nascimento, M.; Lima, C. M.; Andrade, M.; Ensslin, E. R. Fatores determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas da Região Metropolitana de Florianópolis sob a ótica do contador. **Estratégia & Negócios**, v. 6, n. 2, p. 244-283, 2013.
- Oliveira, J. S.; Souza, R. F. Contabilidade criativa e a ética profissional. **RCA - Revista Científica da AJES**, v. 4, n. 8, p. 1-7, 2013.
- Paulino, A. D.; Rossi, S. M. M. Um estudo de caso sobre o perfil empreendedor: características e traços da personalidade empreendedora. In: EGEPE – ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 3., Brasília. **Anais...** Brasília: UEM/Uel/UnB, 2003. p. 205-220.
- Pereira, H. J. Motivos de sucesso e de fracasso empresarial. In: SILVA, A. dos S.; PEREIRA, H. J. (Orgs.). **Criando seu próprio negócio: como desenvolver o potencial empreendedor**. Brasília: SEBRAE, 1995, p. 45-62.
- Pereira, H. J.; Santos, S. A. dos. **Criando seu próprio negócio**. Brasília: Sebrae, 1995.
- Roggia, A. L. Z.; Colombo, J. A.; Terra, P. R. S. Determinantes da falência de empresas do município de Novo Hamburgo. **Revista Científica Faculdade de Balsas**, v. 6, n. 1, p. 5-18, 2015.
- Rossetto, C. R.; Rossetto, A. M. Teoria institucional e dependência de recursos na adaptação organizacional: uma visão complementar. **RAE-Eletrônica**, v. 4, n. 1, p. 65-87, jan./jun. 2005.
- Santos, J. B.; Souza, N. G. Falência e recuperação de empresas: contribuição para a materialização da função social. **Revista Direito e Liberdade**, v. 17, n. 2, p. 87-110, 2015.
- Schumpeter, J. A. Análisis del cambio económico. In: HABERLER, G. (Org.). **Ensayos sobre el ciclo económico**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956. cap. 1, p. 17-34.
- Schumpeter, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- Shailer, G. **An introduction to corporate governance in Australia**. Sidney: Pearson Education Australia, 2004.
- Timmons, J. A.; Spinelli, S. **New venture creation: entrepreneurship for the 21st century**. 8. ed. Irwin: McGraw-Hill, 1994.
- Tupanangyr, G. F. **Análise de viabilidade para pequenos e médios negócios do setor de serviços**. 1996. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Politécnica de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 1996.
- Uzun, H.; Szewczyk, S. H.; Varma, R. Board composition and corporate fraud. **Financial Analysts Journal**, v. 60, n. 3, p. 33-43, 2004.
- Vedana, G. A.; Mello, G. R. de. Fatores que influenciam a confiança do empregado na organização. **Revista da Micro e Pequena Empresa (FACCAMP)**, Campo Limpo Paulista, v. 10, n. 3, p. 2-14, 2016.

Waak, R. S. Gerenciamento de tecnologia e inovação em sistemas agroindustriais. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 323-348.